

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO -  
UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCH  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO**



**A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**JULIANA BORGES DE ALCANTARA**

**RIO DE JANEIRO  
2009**

**JULIANA BORGES DE ALCANTARA**

**A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADA À  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE  
JANEIRO COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO  
DO GRAU DE BACHARELADO E LICENCIATURA EM  
PEDAGOGIA.

**PROF<sup>ª</sup>. DR<sup>ª</sup>. SANDRA ALBERNAZ MEDEIROS – ORIENTADORA**

**RIO DE JANEIRO**

**2009**

## AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO PRIMEIRAMENTE A DEUS, POR TER FICADO AO MEU LADO E GUIADO MEUS PASSOS, DIA APÓS DIA, PARA QUE EU CHEGASSE VITORIOSA AO FINAL DESTA BATALHA.

A MINHA MÃE, POR TODO AMOR, DEDICAÇÃO E AMIZADE, POR SEMPRE TER ACREDITADO EM MIM E NÃO DEIXAR QUE OS OBSTÁCULOS DA VIDA PUDESSEM ATRAPALHAR MINHA CAMINHADA. SEMPRE COM PALAVRAS E GESTOS AMOROSOS ME FEZ SUPERAR AS DIFICULDADES.

A MINHA AVÓ E AVÔ PELO CARINHO QUE SÓ ELES SABEM OFERECER, ALÉM DA DEDICAÇÃO E PREOCUPAÇÃO AO LONGO DESSES QUATRO ANOS.

A MEU TIO JOÃO E TIA GUIDA QUE FORAM AS PESSOAS QUE ME LEVARAM NO PRIMEIRO DIA DE INSCRIÇÃO NA UNIRIO, DANDO INÍCIO A ESSA CAMINHADA E ACREDITANDO NA MINHA CAPACIDADE.

AO BRUNO PELO AMOR E PACIÊNCIA QUE TEVE COMIGO.

AS MINHAS AMIGAS PELOS MOMENTOS DE ALEGRIA E CARINHO E POR SEREM MINHAS OUVINTES NOS MOMENTOS DE DESABAFO.

AOS AMIGOS DESSA TURMA TÃO ESPECIAL, QUE SEMPRE SE MANTEVE UNIDA EM TODOS OS MOMENTOS, MOSTRANDO QUE NA FACULDADE PODEMOS VENCER TODOS JUNTOS.

À PROFESSORA SANDRA ALBERNAZ, POR TER PARTICIPADO DESSE PROJETO ME ORIENTANDO COM DEDICAÇÃO E COMPETÊNCIA.

POR FIM, GOSTARIA DE AGRADECER A TODOS QUE CONTRIBUÍRAM DIRETA OU INDIRETAMENTE PARA QUE ESSE TRABALHO , FOSSE REALIZADO.

**A PRINCIPAL META DA EDUCAÇÃO É CRIAR HOMENS QUE SEJAM CAPAZES DE FAZER COISAS NOVAS, NÃO SIMPLEMENTE REPETIR O QUE OUTRAS GERAÇÕES JÁ FIZERAM. HOMENS QUE SEJAM CRIADORES, INVENTORES,DESCOBRIDORES. A SEGUNDA META DA EDUCAÇÃO É FORMAR MENTES QUE ESTEJAM EM CONDIÇÕES DE CRITICAR, VERIFICAR E NÃO ACEITAR TUDO QUE A ELAS SE PROPÕE.”**

**JEAN PIAGET**

## RESUMO

Os meios de comunicação em especial a televisão têm gerado grande polêmica e muitos estudos em relação com as pessoas. Instalada na intimidade dos lares, a televisão molda comportamentos, sugere modismos, coage ao consumo e inculca valores.

Cenas de violência são apresentadas em todos os meios de comunicação fazendo parte da programação atual da TV, o que chama a atenção principalmente das crianças que acabam ficando imunes a todos os tipos de agressão e violência, já que a vêem como entretenimento e até mesmo como maneira eficaz de resolver problemas imitando esta violência que observam na TV.

Sabendo que a maioria das crianças passa em média quatro horas diárias diante de um aparelho de TV e considerando que o tempo é equivalente ao que passam na escola, constitui-se aí grande preocupação para os adultos em geral, e particularmente, para aqueles interessados em problemas educacionais, o consumo infantil, geralmente acrítico e passivo, sem dúvida terá decisiva interferência na representação que a criança formará da realidade.

Mas há também que se considerar que existem programas que visam estimular nas crianças o aprendizado, tendo grande capacidade de ensinar coisas positivas e produzir resultados benéficos.

**Palavras Chave:** Criança, Televisão, Desenvolvimento, Comportamento

## SUMÁRIO

### Resumo

<b>Introdução</b>	<b>07</b>
<b>Capítulo 1</b>	<b>11</b>
<b>1.1. Modernidade e Subjetividade</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 2</b>	<b>23</b>
<b>2.1. Estudo de Caso</b>	<b>23</b>
<b>2.1.1. Clara a Menina Prodígio</b>	<b>24</b>
<b>2.1.2. O Início da Minha Pesquisa de Campo</b>	<b>25</b>
<b>2.1.3. O Desenvolvimento da Minha Pesquisa</b>	<b>26</b>
<b>Conclusão</b>	<b>32</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

*“A criança sempre existiu, mas infância não.”*  
Paulo Ghiraldelli Junior

Partindo de um amplo espectro de possibilidades de estudo, a questão da infância é um tema recorrente nesta pesquisa.

O estabelecimento dessa discussão, num primeiro momento, foi muito profícuo. No entanto, aos poucos, fui percebendo que o horizonte pelo qual estava fazendo essa leitura possuía algumas limitações, as quais consistiam tanto no conteúdo da abordagem, quanto na metodologia que utilizava. Parti de uma abordagem histórica de criança apresento o ponto de vista dos gregos, passei pelo cenário dos medievais, tentando demonstrar e corroborar a tese de que, nesses períodos, não existia infância, mas apenas crianças; posteriormente, demonstro como ocorreu a descoberta ou invenção da Infância.

Pretende-se ainda encontrar formas de emancipação da infância. Procuro estabelecer alguns aspectos que conduzam a novas relações das crianças com os instrumentos da Indústria Cultural, como também apontar para o cenário da Educação e Novas Tecnologias como possível universo de investigação.

A busca de compreensão dos contornos que a infância vai recebendo no decorrer da história, passa pelo entendimento de que as crianças sempre existiram desde o primeiro ser humano. Considera-se que a infância é uma construção social, a partir de um conjunto de representações sociais e de crenças e existe como categoria desde os

séculos XVII e XVIII. Neste sentido, identifica-se a infância como campo de estudos a partir de referentes empíricos que são as crianças.

Sempre existiram crianças, mas é na modernidade que elas serão coroadas com a categoria conceitual de infância, e isso altera significativamente o papel das crianças na sociedade. Conforme Postman(1999), os autores que discutem essa questão se reportam para a Grécia, por ser lá o lugar onde ocorreram, mesmo que de forma tímida, os primeiros registros sobre a infância. É bom deixar claro que não havia na Grécia uma concepção precisa de criança. Existia certo antagonismo, que ora mencionava as crianças, ora as ignorava. Isso aparece de forma mais nítida, nos hábitos e costumes gregos. Um deles, por exemplo, era o fato de aparecerem escassos registros sobre crianças.

Outro dado que demonstra o antagonismo afirmado acima consiste na grande paixão que os gregos tinham pela educação. Os livros que discorrem sobre esse período mostram que educavam suas crianças. Era uma educação, em geral, mais para ouvir que para perguntar. A escola teria surgido pela primeira vez entre os Incas e os Astecas<sup>1</sup>. A escola surge para preencher o tempo ocioso dos filhos de famílias mais abastadas e a educação passa a ser a grande arte neste contexto de melhorar as crianças. A idéia de melhorar é também um tanto ambígua, pois poderia ser inclusive pelo viés do castigo. Mesmo possuindo contradições na concepção de infância, é bom frisar que não foram os gregos que a inventaram, mas foram eles quem primeiro demonstraram certa preocupação em educar a criança.

Os hábitos e os procedimentos comuns, entre a população deste período, estão marcados pela ausência da noção de vergonha. Quintiliano criticava o comportamento das pessoas adultas diante da presença de

---

<sup>1</sup><http://www.pedagogia.com.br/historia/oriental2.php>



crianças nobres. Segundo ele, a falta de respeito e vergonha com as crianças era motivo de ignorância dos nobres com seus filhos. E foi pensando em proteger os filhos destes perigos que surge o conceito moderno de educação para a infância. A criança tinha que ser protegida especialmente dos segredos vinculados ao sexo: “As crianças necessitam de estar salvas e protegidas dos segredos dos adultos”<sup>2</sup>.

A título de esclarecimento estabeleci no estudo uma diferenciação entre os termos criança e infância.

Sempre que se utilizamos o termo criança estamos nos referindo a uma condição e um tempo em que a criança chega e ocupa de certa maneira um espaço diferente do tempo adulto pela idade que ela possui. Pelo fato de não ser na realidade um adulto em miniatura, a criança instala uma diferença que pode gerar algumas tensões. Ela tem um tempo próprio e, mesmo o adulto querendo compreendê-la, ela sempre lhe escapa. Há uma singularidade em ser criança. É da percepção dessa diferença e do desejo de conhecê-la para dominá-la que se pressupõe a existência de dois lados: o lado do adulto e o lado do *infans*.

Entende-se que a educação de certa forma criou a infância como tentativa de apreender a criança nessa singularidade. Nesse sentido, todo ato educativo visa a explicar, orientar, teorizar e, muitas vezes, conduzir a criança.

A criança é um constructo cultural, uma imagem gratificante que os adultos necessitam para sustentar suas próprias identidades. A

---

<sup>2</sup> QUINTILIANUS. Marcus Fabius, *Institutio Oratoria*

infância constitui a diferença a partir da qual os adultos definem-se a si mesmos.

É um tempo de inocência, um tempo que se reporta a um mundo de fantasia no qual as realidades dolorosas e as coerções sociais da cultura adulta não mais existem. A infância tem menos a ver com as experiências que as crianças vivem (porque também elas estão sujeitas às ameaças de nosso mundo social) do que com aquilo em que os adultos desejam acreditar.

*“Declarou-se que, até então, os homens tinham vivido sob uma condição de menoridade e que, desde então, teriam usando a capacidade racional, a possibilidade de conquistar a maioridade. Enfim, falar de modernidade é falar de maioridade da razão, que assume pelo viés econômico a roupagem de industrialismo; pelo intelectual, científico, artístico, a forma de Iluminismo.”*

Sérgio Paulo Rouanet

## CAPÍTULO 1

### 1.1. MODERNIDADE E SUBJETIVIDADE

Chama-se modernidade à fase considerada madura da cultura ocidental européia, iniciada no século XVII, com o nascimento dos métodos experimentais da ciência moderna e coroada no século XVIII, com a proclamação da razão como princípio fundamental da sociedade. A ordem social moderna passa a ser vista como alicerçada unicamente nos critérios da razão, do “logos” explicador da cultura que, sob suas diferentes formas, impõe-se a incumbência de administrá-la e de julgá-la.

Segundo Ariès (1981) e Ghiraldelli (1997) é na modernidade que a criança vai ser vista como um ser diferente do adulto. O período moderno necessita de uma concepção de infância para desenvolver a noção de subjetividade como também de maioridade. Buscando entender como a infância foi vista ao longo da história ocidental, percebemos que a questão infância é uma invenção moderna. É sabido que na modernidade ela assume realmente contornos diferentes das demais fases da história. Ariès afirma também que:

*Na sociedade Medieval, o sentimento de infância não existia (...) O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde a consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo*

*jovem. Não havendo interesse pelas crianças não surgiam teorias que almejassem descrever a infância. Essa preocupação e interesse são traços típicos da modernidade.*

Em relação à noção de infância moderna, Ghiraldelli entende que dos anos quinhentos ao final dos setecentos emerge uma nova concepção de infância: “dissemina-se entre os adultos um novo sentimento de infância, do qual emerge a noção de infância que, paulatinamente, se estabelece nos meios letrados, fator importante na reorganização da educação, da escola e mais tarde da vida familiar.”<sup>3</sup> Ghiraldelli mostra que Ariès já havia identificado isso anteriormente, quando afirma que, na sociedade medieval, o sentimento de infância não existia e somente “por volta do século XIII, surgem alguns tipos de crianças um pouco mais próximas do sentimento moderno”<sup>4</sup>. Explicitando sua tese Ariès continua demonstrando, a partir de vários exemplos, que mesmo tendo aparecido alguns traços identificadores de criança no período medieval, será somente na modernidade que o sentimento em relação à infância será mais destacado.

Em conformidade com este raciocínio, Postman (1999) aponta para alguns motivos que demonstram a inexistência da categoria infantil na Idade Média e reforça, com isso, que essa discussão é moderna como já mencionamos: “A falta de alfabetização, de educação e vergonha são as

---

<sup>3</sup> GHIRALDELLI, op. cit. 1997, p. 112.

<sup>4</sup> ARIÈS, Philippe. op. cit., 1981, p. 52.

razões pelas quais o conceito de infância não existiu no mundo medieval”<sup>5</sup>. Havia crianças, mas não havia interesse por elas, não havendo nenhuma preocupação em descrever a infância. Cabe lembrar também que, tanto Ghiraldelli como Kramer concordam com Ariès com um sentimento ambíguo em relação à infância na própria modernidade:

*O sentimento moderno de infância corresponde a duas atitudes contraditórias dos adultos: uma considera a criança ingênua, inocente e pura e é traduzida por aquilo que Ariès chamou de “paparicação”; a outra surge simultaneamente à primeira, mas se contrapõe a ela, tomando a criança como um ser imperfeito e incompleto, que necessita da “moralização” e da educação feitas pelo adulto*<sup>6</sup>.

É possível fazer uma primeira associação entre a nova compreensão de infância como as mudanças da modernidade. Se relacionarmos essas transformações com a instauração do paradigma da metafísica da subjetividade, para Ghiraldelli, teríamos fundado um conceito de infância no início da era moderna e, de lá para cá, estarmos assistindo às mudanças nesse conceito a partir do processo de subjetivação do mundo.

---

<sup>5</sup> POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Tradução. Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Grafia, 1999, p. 31.

<sup>6</sup> KRAMER, op. cit., 2005, p. 19.

Ou dito de outro modo, como o sujeito moderno vai projetando os modelos que visam a melhorar o mundo, tornando os homens moralmente melhores, os desdobramentos que ocorrem nessa subjetividade estariam pressupondo uma noção de infância, necessária para dar conta desse projeto?

Fazendo parte desse anseio moderno de auto-certificação e de definição do que é melhor e necessário para as crianças, as diferentes acepções de infância permitem traduzir esse esforço de cada pensador na categorização do universo infantil. Partindo do pressuposto que a infância é histórica, podemos questionar se o que ocorreu na modernidade não foram tentativas de definir o que é melhor para as crianças, criando desse modo acepções diferenciadas de infância?

*A idéia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto ("de adulto") assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente*

*pela modificação nas formas de organização da sociedade*<sup>7</sup>.

O próprio Ariès nos relata que antes da modernidade ninguém ensinava nas crianças como criaturas inocentes e na infância como uma fase merecedora de cuidados, diferente das outras fases da vida.

*O sentido de inocência infantil, que dominava a literatura educacional desde o final do século XVII, introduz a concepção moral de infância. Concepção que articula dois componentes de sua natureza atribuída: o da inocência aliada a sua ignorância ou fraqueza. Esse sentido resultará em uma dupla atitude moral: preservar a infância das iniquidades da vida e fortalecer a infância principalmente desenvolvendo seu caráter e sua razão*<sup>8</sup>.

Esse processo requer um cuidado ainda quando se trabalha com certa noção unívoca de infância, que, a partir desse horizonte metafísico tornou universalizada no cenário da modernidade. Neste sentido, cabe o seguinte alerta:

*“Falar de uma infância universal como unidade pode ser um equívoco ou até um*

---

<sup>7</sup> KRAMER, op. cit., 1982, p. 18

<sup>8</sup> CORAZZA, Sandra M. E os pequeninos senhor? Inocência e culpa na Pastoral educativa. Educação e Realidade. Os nomes da infância. POA: UFRGS, dez - julho de 2000, p. 86.

*modo de encobrir a realidade. Todavia certa universalização é necessária para que se possa enfrentar a questão e refletir sobre ela, sendo importante ter sempre presente que a infância não é singular, nem única. A infância é plural: infâncias.<sup>9</sup>*

Se partirmos do pressuposto de que na modernidade a noção de infância foi moldada conforme os sujeitos a desejaram (de forma positiva para uns, para outros apenas um recurso para afirmar a fase adulta), podemos questionar se um dia realmente existiu essa infância. Também podemos questionar se no processo da chamada “descoberta ou invenção da infância” não se estaria pelo uso de uma razão adulta, esquecendo-se das crianças.

A perspectiva que assumimos na aproximação da infância com a indústria cultural ocorre no sentido de percebermos as suas intervenções no universo infantil e na criação de sentido às vivências das crianças. A leitura demonstra certo pessimismo e forte relação de domínio que caso não bem orientada a indústria cultural tem sobre as crianças. Não se trata aqui de uma demonstração dos pontos positivos dessa indústria, mas das possíveis patologias que pode gerar no universo infantil. Não ignoramos, no entanto que bem orientada a indústria pode trazer contribuições profícuas<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> BARBOSA, Maria. Carmem, S. op.cit., p. 101.

<sup>10</sup> ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.113.



Esta indústria é resultado dos processos modernos que fizeram uma opção objetivadora de uma racionalidade técnica, que conhecida como razão instrumental. Uma das conseqüências diretas da implementação dessa racionalidade é a implementação de processos de semi-formação onde a cultura assume o caráter de dominação da natureza e qualquer foco de resistência.

A impressão que temos é que ninguém pode escapar do cerco dessa nova racionalidade proposta pela Indústria Cultural.

Diante dessa constatação, possuímos a seguinte inquietação: que possíveis aproximações podemos estabelecer entre a criança e a indústria cultural? Que espaço a indústria cultural destina ao universo infantil? Em que sentido o filtro da Indústria Cultural realmente está interferindo na criação de sentido para a infância cotidiana?

A Indústria Cultural, junto a todo um sistema social, político e econômico e a figura pretensiosa do sujeito pode manipular o universo infantil, criando formas de subjetivação e um novo sentido, que leva muitas vezes as crianças a se portarem como adultos, e apontando para novas relações entre o mundo adulto e infantil. Ou seja, cria novos processos de adultização. Ao se estimular os modos de ser adulto, a indústria cultural subverte por objetificação, os princípios da constituição da infância<sup>11</sup>.

Várias são as estratégias utilizadas por essa indústria que podem afetar o mundo infantil. Uma delas (que causa vários efeitos) diz

---

<sup>11</sup> LEO MAAR, Wolfgang. Formação em questão: Lukács, Marcuse e Adorno. A gênese da indústria cultural. In: ZUIN; OLIVEIRA (Org) A educação danificada: contribuições à teoria crítica. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

respeito à diversão. “Todavia, a Indústria Cultural permanece a indústria da diversão”. Nada mais encanta e atrai as crianças do que a diversão. No mundo da indústria cultural, diversão e consumo interagem de forma concatenada. A diversão pode gerar consumo e criar outra identidade às realidades das crianças. Ocorre que a diversão, muitas vezes utilizada como uma forma sadia e pedagógica para a aquisição do conhecimento, na indústria, podem possuir outras “teleologias”: consumo, alienação, massificação, rotulação e condicionamento para a falta de opiniões próprias. Um exemplo que esclarece isso são os filmes criados pela indústria. Os filmes normalmente ocupam uma função de diversão. Na sociedade administrada, a diversão, além de ser uma necessidade, também pode ser uma fuga. Os filmes têm a pretensão de preencher este espaço. Ora, existem necessidades que para serem supridas, necessitam de sofrimento e dor. Daí, a capacidade da indústria cultural transformar uma cena de sofrimento em diversão<sup>12</sup>.

Nesse sentido, a diversão é violenta.

A criança busca no filme a diversão e pode assimilar, ao mesmo tempo, a violência. Isso aparece nitidamente nos desenhos animados, nos quais muitas vezes poder e sacrifício são elementos norteadores do enredo. É a visão de que alguém tem sofrer para vencer. O sofrimento aparece como uma causa necessária. No entanto, na forma sofisticada como a indústria cultural apresenta as cenas, o sofrimento ocupa o espaço do prazer.

---

<sup>12</sup> LEO MAAR, Wolfgang. Formação em questão: Lukács, Marcuse e Adorno. A gênese da indústria cultural. In: ZUIN; OLIVEIRA (Org) A educação danificada: contribuições à teoria crítica. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

Outra idéia presente nesses enredos é a de que no mundo administrado, utilizando a técnica de que tudo pode ser resolvido os filmes de animação eram outrora expoentes da fantasia contra o racionalismo, hoje apenas confirmam a vitória da razão tecnológica sobre a verdade. O fato é que, segundo a lógica da indústria cultural, as coisas podem perder o seu sentido original. A criança, um ser em formação, acaba absorvendo noções equivocadas de diversão e de arte. A idéia de que a técnica domina e resolve tudo torna a diversão algo mecânico e sem espontaneidade. O espaço, antes destinado à criação, é preenchido por desenhos animados, jogos de vídeo games e outros brinquedos técnicos.

A animação e a diversão podem trazer, também, uma noção equivocada de prazer, o prazer com a violência. Daí, a manifestação de cansaço e estresse de algumas crianças quando saem da frente da TV ou das casas de jogos infantis. Os pais ficam sem perceber a grande influência que essa diversão tem sobre seus filhos e, na maioria das vezes, são também vítimas dessa indústria cultural, assistem seu filho ser transformado em atitudes e valores ainda na infância.

Também o riso, algo tão original, nessa indústria cultural pode assumir um sentido de artificialidade. Vemos, então, a distorção até mesmo dos sentimentos que invadem as crianças sem, muitas vezes, nos darmos conta. Desse modo a criança pode estar vivendo uma realidade criada e fortalecida pela Indústria Cultural. As noções de prazer, de fantasia, de brinquedo, de valores, não são autênticas e são elas que preenchem grande parte do dia a dia das crianças.

A diversão proposta pela Indústria Cultural muitas vezes pode eliminar do sujeito a capacidade de resistência. Ela pode vetar à criança o exercício de seus “porquês” e substituir de forma cautelosa a sua condição natural pelas necessidades e pelo império do mundo técnico. Nesse sentido, construir brinquedos, criar fantasias espontâneas e imaginar já não podem mais ser atividades de crianças. Como sabemos, os brinquedos ocupam um espaço muito significativo na vida da criança. Quando esse brinquedo é construído normalmente está associado ao aspecto da criatividade. O zelo que a ele é atribuído é uma atitude normal do autor desse brinquedo. Na lógica da Indústria Cultural, a idéia da construção pode não mais prevalecer. Vivemos na cultura do desmonte e do descartável. Assim, os modelos de brinquedos hoje fabricados são de fácil desmonte. Eles podem não instigar a fantasia das crianças e serem apenas meros quebra-cabeças. Como são descartáveis, podem ser facilmente esquecidos ou substituídos. A reposição de um brinquedo que facilmente estraga é uma exigência tanto da criança (novo consumidor), quanto da indústria que os fabrica. Neste sentido, na Indústria Cultural, os brinquedos podem não assumir funções pedagógicas; ao contrário, podem educar para o consumo<sup>13</sup>.

Outra noção fortemente ativada por essa Indústria é a de liberdade plena. Ao nosso entender, essa idéia não pode ser analisada de modo isolado. A premissa de que tudo é possível fazer, inclusive no universo infantil, é resultado de uma certa interpretação das idéias liberais do

---

<sup>13</sup> ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

século XVIII. Estas idéias invadem a escola e buscam implantar uma nova forma de educar.

Outro elemento que é objeto da indústria cultural consiste em incentivar precocemente a libido das crianças. Isso aparece em cenas de comerciais ou em concursos de modelos ainda infantis. A criança torna-se um novo produto para as necessidades do mercado. A pergunta de alguns programas de TV: “você tem namorado?”, feita às crianças dessa fase, consiste numa agressão explícita à infância pensada nos moldes modernos, e é uma pena que muitos adultos achem esses procedimentos engraçados.

Temos de estar atentos ao fato de que, da maneira que a mídia apresenta em sua programação, é possível perceber que a fronteira entre o mundo da criança e o mundo do adulto é muito tênue. Ao observarmos os programas de TV, percebemos que o que vemos na mídia, são crianças com comportamentos similares aos dos adultos.

De certa maneira, os meios de comunicação, em especial a TV, contribuem na criação de modelos para as crianças. Isso poderia ser utilizado no sentido positivo, ou seja, propostas educacionais. Mas não é isso que acontece em geral os programas infantis utilizam muito esse recurso. As crianças, mesmo não entendendo, querem ser similares ao apresentador ou apresentadora. Desejam imitá-los sempre. Repetem expressões ditas por eles sem saber o seu real significado. E quando o programa é de adultos, isso fica bem evidente. A criança sem referenciais e entendimento dessas informações sai repetindo, porque assistiu na TV.

Depois de séculos em que a modernidade pretendeu moralizar a infância, não estamos de forma alguma almejando uma nova moralização das crianças. Esse não é o viés deste estudo; ao contrário, estamos apontando para novas configurações que podem ocorrer pela eficácia da indústria cultural nas formas de vida de todos, inclusive das crianças. Também não estou fazendo apologia a um mundo sem televisão. Ao contrário, se bem-utilizada ela pode oferecer aspectos pedagógicos para o desenvolvimento das crianças e, quem sabe, contribuir para o reconhecimento das múltiplas faces de infâncias que presenciamos hoje.

No Capítulo seguinte será mostrado um Estudo de Caso, que demonstra como a Informação Cultural, pode beneficiar no desenvolvimento de uma criança que neste caso a pesquisada é Clara (nome fictício), uma menina de dois anos de idade.

## CAPÍTULO 2

### 2.1. ESTUDO DE CASO

Sempre concordei com autores que falavam que a televisão não favorecia em nada a construção do conhecimento das crianças. Muito ao contrário. Certos programas influenciavam negativamente seu desenvolvimento e que não existiriam programas com o objetivo de educar, pelo menos nos canais mais assistidos. Mas um canal da TV por assinatura está mudando minha maneira de ver os benefícios que a televisão pode trazer.

Piaget em suas pesquisas tinha o objetivo de desenvolver uma teoria do conhecimento e sua progressão, no indivíduo, de um estágio simples a um mais complexo. Inicialmente buscou teorizar sobre o desenvolvimento cognitivo partindo de uma visão evolutiva da humanidade – desde o homem primitivo até os dias atuais (filogênese), mas passou a se concentrar no desenvolvimento do conhecimento desde o nascimento até a idade adulta (ontogênese).

Muito do seu trabalho é classificado como psicogenética, na qual procura descrever os estágios pelos quais passa a criança desde os primeiros passos (aquisição de uma inteligência prática) até a postura lógica-dedutiva que caracteriza a adolescência e a idade adulta. Partindo de suas pesquisas, Piaget postulou quatro estágios, ou períodos, no desenvolvimento mental da criança.

Neste meu estudo de verifiquei que Clara pode ser inserida no Estádio de Desenvolvimento Pré Operatório, ou seja ela ainda não pode efetuar operações, mas já usa de inteligência e pensamento.

### 2.1.1. CLARA, A MENINA PRODÍGIO

Conheço Clara desde que nasceu, já que sua mãe é amiga de trabalho da minha mãe. Nossas famílias sempre tiveram um contato muito grande.

Clara é uma menina de dois anos de idade, que mora com seus pais e a avó materna, no mesmo prédio moram também seus avós paternos.

Clara, nossa menina prodígio, foi amamentada até os quatro meses, somente com leite materno e quando sua mãe teve que voltar a trabalhar foi intercalado o leite materno com a mamadeira até os oito meses. Depois disso, somente mamadeira, até chegar a papinha.

Seus pais saem de manhã para trabalhar e só voltam por volta de 08h30min da noite. Ela fica com a avó. Ainda não vai à escola, ficando a maior parte do tempo em frente à televisão. No prédio onde moram não há um lugar para lazer (play) e a rua é perigosa para a avó levá-la para passear. Seu contato com outras crianças se dá eventualmente quando a avó precisa ir ao mercado próximo e pelo caminho encontram crianças que moram ao redor. Clara é sempre comunicativa falando com todos, crianças e adultos, mesmo sem conhecê-los.

Um dia presenciei o momento em que os pais da Clara chegavam em casa a noite e o modo como ela os recebe. Ela já sabe abrir a porta sozinha, eles tocam a campainha e ela vai correndo abrir, toda feliz e sorridente. É uma menina muito carinhosa. Seus pais, por sua vez, retribuem tanto carinho. Passada toda euforia ela quer brincar, pois necessita de atenção e quer fazer outras coisas que não faz de manhã. Eles até brincam, mas há um momento em que ficam cansados e a



paciência vai acabando, principalmente quando começa o famoso “de novo, de novo...”. Neste momento, ou ela volta pro quarto e seus pais ficam na sala ou ela pede que um dos dois vá ver desenho com ela.

### **2.1.2. O INÍCIO DA MINHA PESQUISA DE CAMPO**

A primeira vez em que Clara me chamou atenção para sua inteligência foi em uma festa de aniversário. Logo percebi que não estava diante de uma criança comum. Estávamos todos comendo pizza quando ela pegou dois sachês de Ketchup e olhando para a mãe falou “Dois”. Assustei-me com a resposta. Naquele momento ela poderia falar qualquer número, mas disse o número exato. Pensei ser coincidência, mas a mãe disse que Clara realmente tem uma inteligência diferenciada das crianças da sua idade.

Piaget, afirma que os estádios do desenvolvimento da criança são<sup>14</sup>:

- a) Estádio sensório-motor (do 0 aos 18/24 meses) - A atividade cognitiva durante este estágio baseia-se, principalmente, na experiência imediata através dos sentidos em que há interação com o meio, esta é uma atividade prática.
- b) Estádio pré-operatório (dos 2 aos 7 anos) - Este estágio também chamado pensamento intuitivo é fundamental para o desenvolvimento da criança. Apesar de ainda não conseguir efetuar operações, a criança já usa a inteligência e o pensamento.

---

<sup>14</sup> PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*, Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária. 2003

- c) **Estádio das operações concretas (dos 7 aos 11/12 anos) -**  
Para Piaget é neste estágio que se reorganiza verdadeiramente o pensamento. Como já referi no estágio anterior as crianças são sonhadoras, muito imaginativas e criativas. É a partir deste estágio (operações concretas) que começam a ver o mundo com mais realismo, deixam de confundir o real com a fantasia.
- d) **Estádio das operações formais (dos 11/12 aos 15/16 anos) -**  
A transição para o estágio das operações formais é bastante evidente dadas às notáveis diferenças que surgem nas características do pensamento. É no estágio operatório formal que a criança realiza raciocínios abstratos, não recorrendo ao contacto com a realidade.

Ou seja, uma criança de 2 anos pode até ser “Inteligente”, mas como explicar a lógica de Clara? A partir daí tive a curiosidade de investigar mais profundamente o caso de Clara.

### **2.1.3. O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

A mãe de Clara me relatou que por várias vezes, ao assistir TV com a filha, adormece e quando a Clara percebe, sobe na sua barriga e fica falando “mamãe, abre o olho” e fica tentando abrir o olho da mãe com as mãos até ela despertar e voltar a assistir ao desenho. Clara é tão independente que sabe exatamente qual controle liga e desliga a TV, sendo que no quarto tem três controles diferentes.

O final de semana é o momento mais esperado por ela, já que tem a presença do pai e da mãe, por mais tempo, e é o momento em que pode

brincar com eles A mãe a leva para andar de bicicleta na rua, com isso tem contato com outras crianças.

O programa mais esperado para o final de semana é a praia, quando sua mãe fala na sexta-feira, que no dia seguinte (sábado) se estiver sol vão a praia, Clara fica toda feliz. Sábado pela manhã, quando sua mãe a acorda, no mesmo momento desperta e já fica radiante, tira a chupeta e se levanta de pressa. No início não gostava de colocar o pé na areia, pisando em cima da canga. Até que com muitas brincadeiras, mostrando que a areia não ia fazer mal e que ali poderia brincar fazendo castelinhos e outras coisas. Certa vez fui à praia com os pais de Clara e passou um avião com informativos, e foi mostrado para Clara quando ela disse “o piloto está pilotando o avião”. Ficamos todos impressionados com a colocação correta das palavras, isso sem que ninguém houvesse mencionado qualquer coisa sobre pilotar.

Outra passagem muito interessante foi num almoço, num restaurante próximo, lá estavam distribuindo um jogo com figuras de animais. Perguntei-lhe qual o nome do animal para o qual apontava. Clara falou quase todos os animais dos mais conhecidos como macaco, cachorro, gato e aranha até os mais complexos como tucano, tubarão, golfinho e lagartixa (pronunciou de forma correta) animais que apresentam certa semelhança e poderiam ser facilmente confundidos, tais como tucano ela poderia dizer que era um papagaio ou um pássaro, o tubarão e o golfinho ela poderia simplesmente dizer ser um peixe grande e a lagartixa ela poderia dizer que era um jacaré de parede.

Certo dia, Clara brincava com uma criança mais velha e conduzia as brincadeiras, escolhia do que iam brincar sem qualquer inibição apesar de a outra menina ser mais velha e desconhecida.

Uma noite em sua casa ela veio me mostrar algumas figuras geométricas que havia ganho. Falou-me o nome de todas e neste mesmo dia pegou meu celular e tinha uma foto de fundo, dizendo que era um deserto. Não se tem conhecimento se alguém haveria lhe mostrado algo parecido.

Tive a curiosidade de perguntar quais os programas de TV ela via durante o dia, os pais me informaram que o Canal predileto de Clara é o Discovery Kids.

O interessante desse canal é que todos os desenhos são elaborados com o objetivo de ensinar algo às crianças. No site encontra-se a relação de todos os desenhos e nele estão relatados todos os objetivos de aprendizagem que o desenho pretende proporcionar à criança, mostrando-se diferente dos canais normais. Eles têm a intenção de atingir todos os públicos e misturam as programações: de manhã desenho, à tarde programas sem conteúdo informativo e à noite novela.

Um dos desenhos animados transmitidos no Discovery Kids é o Backyardigans que é uma série em 3D. Os episódios mostram fotos de vários lugares, o desenho gira em torno de cinco amigos: uma hipopótamo amarela (Tasha), alce de cor laranja (Tyrone), pingüim azul (Pablo), uma espécie de joaninha (Uniqua), canguru roxo (Austin) que moram na mesma rua e brincam juntos compartilhando diariamente o quintal. Usando a imaginação, eles "transformam" o quintal em mundos completamente diferentes nos quais eles têm muitas aventuras. Tal aventura varia entre achar o segredo do Rio Nilo até a descoberta de

terras desconhecidas Vikings. O desenho é um musical e cada episódio tem quatro canções, às vezes reprisadas mais de uma vez em um episódio. Outro desenho que ela adora e imita alguns gestos, palavras ou frases é Charlie e Lola, é uma série de animação que focaliza a relação entre os dois irmãos. Seus episódios descrevem e analisam os problemas que as crianças enfrentam a cada dia, com enredos inspirados na realidade. O desenvolvimento da imaginação é muito importante entre os três e sete anos de idade, e essa faixa etária se identificará com facilidade com as inventivas aventuras vividas pelos dois irmãos. Lola é obstinada e inocente. Está sempre disposta a todo tipo de aventuras e geralmente muda de opinião, uma atitude bastante frequente entre crianças da sua idade. Charlie, como a maioria dos irmãos, gosta de acompanhar de perto das estripulias da irmã mais nova. Apesar dos personagens serem muito diferentes, eles têm a capacidade de imaginar, brincar e se divertir juntos.

Outro fato que chamou atenção foi o processo do “deixar a fralda”. Inicialmente foi difícil controlar e identificar a vontade de ir ao banheiro para fazer “xixi”. Como não pode ir sozinha precisava descobrir a sensação para pedir que alguém a levasse. Agora já consegue controlar-se e pedir. No caso do “cocô” foi mais complicado, pois ela não queria, de jeito nenhum, ir ao vaso sanitário. Quando estava sem fralda era preciso colocá-la para ela que defecasse. Mesmo assim ela se escondia em baixo da mesa ou no canto do armário. Passados dois meses ela já consegue ir ao vaso sanitário. No entanto, ao sair de casa ainda usa fralda.

Observei um dia ela pedindo para ir ao banheiro e a mãe falando que “ela podia fazer, pois estava de fralda”. Ela se controlou e ficou pedindo para ser levada ao banheiro. Ao tirar a fralda, a mesma estava enxuta, ou seja, ela segurou até ir.

Com toda essa desenvoltura ela apresenta comportamentos “normais” de uma criança com sua idade: quando está com sono chora e faz manha. Faz “pirraça” se não ganhar o que quer, e é preciso uma manobra para distraí-la e não levar o que pediu.

Quando Clara não está assistindo televisão, gosta de brincadeiras como escorregar nas pernas das pessoas, de boneca - sendo que ela é a mãe e briga com a boneca dando tapinhas como se a boneca tivesse feito algo de errado. É claro que como toda criança replica o que os pais fazem, mas nunca presenciei seus pais dando qualquer palmada.

Devido a essas características - A falta de alguém (pessoa física) para estimular seu desenvolvimento -, suponho que a menina não deveria apresentar essa desenvoltura. Ela aprende rápido, basta mostrar ou falar uma vez e passadas algumas hora, se perguntarmos a respeito ela fala corretamente. Outro exemplo foi quando ela corrigiu a mãe ao falar que ela é Vasco e no mesmo momento ela respondeu “não mamãe, sou vascaína”, assim também foi na hora de ensinar seu endereço: bastou falar uma vez para que decorasse.

Os números, sabe contar e os identifica independente da ordem que lhe apresentamos.

Num outro momento levei-lhe um caderno e pedi-lhe que desenhasse um boneco. Uma criança da mesma de idade dela faria qualquer rabisco, mas Clara desenhou um boneco redondo com braços, pernas e o rosto completo com olhos, nariz e boca. Fiquei surpresa, pois ela estaria na fase sensório-motora, mais ou menos de 0 a 2 anos, na qual

a atividade intelectual da criança é de natureza sensorial e motora<sup>15</sup>, a principal característica desse período é a ausência da função semiótica, isto é, a criança não representa mentalmente os objetos. Sua ação é direta sobre eles. Essas atividades serão o fundamento da atividade intelectual futura. A estimulação ambiental interferirá na passagem de um estágio para o outro.

---

<sup>15</sup> PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*, Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária. 2003

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo percebemos que as mudanças que iriam marcar as relações sociais, a partir do século XV, com a modernidade, foram oriundas não simplesmente das alterações provocadas pelo novo modelo econômico, mas, também, pelas novas mentalidades desenvolvidas quanto às concepções de família e infância. O novo sentimento da família, provocaria o novo sentimento atribuído a infância.

Deste modo, Neil Postman argumenta: “o sentimento da infância que acompanha a modernidade estaria desaparecendo”<sup>16</sup>. Em seu pensamento, aquela específica sensibilidade desenvolvida sobre a infância no início da modernidade estaria desaparecendo neste final de século. Sensibilidade esta caracterizada pela inocência da infância e pelo cuidado da infância pelo adulto.

Foi a própria modernidade que diferenciou a criança do adulto que insere a criança/trabalhador no mercado de trabalho, sujeitando-os às mesmas condições de “pequeno adulto” apresentadas pelo modelo medieval. Problema este tão antigo e atual no contexto brasileiro.

Embora estejamos tratando de épocas distintas, pois a sociedade medieval tida como mítica, religiosa; o conhecimento e as relações baseavam-se na oralidade. Falamos da atualidade, como uma nova sociedade, caracterizada pela racionalidade e onde a informação acontece, principalmente pela escrita. Esta compreensão possibilita-nos fazer um paralelo, sem deixar de considerar estas vertentes opostas.

---

<sup>16</sup> POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Tradução de Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Grafia, 1999, p. 24.



O próprio desaparecimento da infância, ao qual nos referimos, ocorre devido às relações estabelecidas pelo mercado e pela própria racionalidade. A criança é vista como um “pequeno adulto”, alvo do consumo, que diante desta nova estrutura é lançada ao mundo dos adultos sem restrições, permitindo diluir o próprio sentimento da infância apresentado por Ariès. O mercado permite que a criança participe da vida adulta por meio do consumo. Percebemos isso quando nos referimos às vestimentas: Ariès expõe que o sentimento da infância desenvolveu-se quando os adultos também compreenderam que a criança deveria vestir-se diferentemente deles. Nasce, portanto, uma compreensão em preservar a infância em sua pureza, inocência, recebendo devidos cuidados, próprios para sua idade.

No entanto, o que presenciamos em nossa realidade, ainda que não percebida claramente, são crianças misturando-se à vida adulta de forma precoce, devido às vestimentas, palavras e hábitos que seriam eminentemente usados pelos adultos. A televisão sob este prisma, exerce influência nesta nova mentalidade da infância, pois, influenciada pela vida adulta, a criança é incentivada a usar a roupa da “atriz, cantora ou apresentadora adulta”. A infância muda, não há uma distinção entre vida adulta e a vida infantil. Tudo o que pode ser dito, falado e usado, pode ser comum aos dois, tanto por meio de condições ditadas pela TV, como condições ditadas pela moda, música, livros e revistas.

Vivenciar através deste estudo sobre o desenvolvimento infantil, me fez reafirmar a vontade de me inserir neste maravilhoso mundo, pois trabalhar com crianças e ajudá-las em seu desenvolvimento e através

disto fazer uma troca conhecimentos, sim por que no dia a dia não somente a criança adquire conhecimentos mas o profissional que lida diretamente com ela também adquire muito.

Foi fantástico nestes meses observar o dia a dia de Clara e ver o quanto eu estava errada em supor que certos programas eram prejudiciais ao seu desenvolvimento e que uma boa escolha da programação para a criança assistir pode sim beneficiá-la, no seu desenvolvimento.

**BIBLIOGRAFIA**

**ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família.** Tradução. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

**BARBOSA, Maria. Carmem S. Fragmentos sobre a rotinização da infância In: Educação e Realidade. Os nomes da infância.** POA: UFRGS, dez - julho de 2000.

**CORAZZA, Sandra. M. E os pequeninos senhor? Inocência e culpa na Pastoral educativa Educação e Realidade. Os nomes da infância.** POA: UFRGS, dez - julho de 2000.

**FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na civilização.** Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

**JUNIOR, Paulo Ghiraldeli. Infância, escola e modernidade.** São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

**KRAMER, Sônia. Infância: Fios e desafios da pesquisa.** 8 ed. Rio de Janeiro: Papyrus, 2005.

**KRAMER, Sonia. A política do pré-escolar no Brasil: arte do disfarce.** Rio de Janeiro, Achiamé, 1982.

**PIAGET, Jean. A linguagem e o pensamento da criança.** Tradução de Manoel Campos. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

**POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância.** Tradução de Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Grafia, 1999.

**<http://www.discoverykidsbrasil.com> - Acesso em 09/10/2009**

**<http://www.pedagogia.com.br/historia/oriental2.php> - Acesso em 10/12/2009**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH  
Escola de Educação - EE

## MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Juliana Borges de Alcantara  
TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: A influência da televisão na Educação infantil

ORIENTADOR(A): SANDRA ALBERNAZ DE MEDEIROS

### FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

#### PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Iliny Damascia

Nota: 9,0

#### Considerações:

A discussão trazida é relevante e a proposta de observação de campo enriqueceu sobremaneira o estudo.

Seu oportuno que a fundamentação teórica acompanhase um pouco mais de perto a mudança de perspectiva que a observação traz ao trabalho. Já que, inicialmente, acreditava-se que haveria prejuízos à infância ocasionados pela TV, o trabalho de campo aponta para os pontos que a criança observada demonstrou.

DATA: Rio, 22/12/2009

Assinatura: Iliny Damascia

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Sandra Albucaza de Medeiros

Nota: 9,0 - nota

Considerações:

Neste trabalho vemos uma boa e interessante discussão teórica, inquanto que a apresentação do estudo de caso fica um pouco aquém. No entanto, a proposta de pensar a programação de infantil da TV é muito importante em tempos que o individualismo e a homogeneização são preocupantes.

Data: 17.12.2009

Assinatura: Sandra Medeiros

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
9,0	9,0	9,0

Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 2009.

Sandra Medeiros

Prof. Orientador